

Mia Couto, *O Gato e o Escuro*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001.  
(Ilustração: Danuta Wojciechowska)

- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós. (...)
- *Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?* (p. 16)

Com o pequeno grande livro *O Gato e o Escuro*, o escritor moçambicano Mia Couto estreia-se no mundo da literatura infantil. E fá-lo de um modo simultaneamente amoroso e convicto, já que o seu discurso é esculpido com uma delicadeza evidente, o que se comprova, por exemplo, através de uma “inventividade” – em muitos momentos, ludicidade – no plano vocabular (característica, aliás, subjacente à totalidade da sua escrita e já apelidada como um conjunto de «brincadeiras do maravilhoso»), ao serviço de uma narração inovadora que parece ser dedicada às crianças.

Com efeito, em *O Gato e o Escuro*, constatamos, para além de uma brilhante articulação texto verbal-texto icónico, a presença alguns paradigmas temático-formais das histórias de destinatário extratextual infantil.

Neste sentido, saliente-se não só a proximidade discursiva com o narratário, traduzida, também, na coloquialidade do registo – «Vejam, meus filhos...» -, mas também a efabulação de um cenário maravilhoso que encerra um conjunto de mistérios. Situamo-nos na fronteira entre o dia e a noite, entre a luz e o escuro, e é a este espaço abstracto, profundamente simbólico, que é atribuída uma espécie de fisicidade, permitindo que um gato, elemento do mundo concreto, o percorra ou o invada livremente. É, no fundo, uma transgressão que se afigura, em última instância, como reflexo de uma ânsia de conhecimento, de atracção pelo misterioso ou pelo proibido. Na realidade, o Pintalgato, “co-protagonista” da diegese (como sugere o título do conto), não se acomoda e tal determinação permite-lhe alimentar voos ou sonhos, propiciadores de uma aproximação a uma outra entidade abstracta personificada, o escuro.

Outro aspecto que parece contribuir para a validação da hipótese de *O Gato e o Escuro* possuir como primeiro destinatário extratextual a criança reside na própria indeterminação da situação temporal.